

## MEMÓRIAS DA LINGÜÍSTICA NA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA\*

Maria Cristina Fernandes Salles Altman\*\*

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando;  
E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da Morte libertando  
– Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.  
(Camões, *Os Lusíadas*, Canto Primeiro.)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo pretende descrever a maneira pela qual alguns manuais brasileiros de lingüística, escritos por reconhecidos pesquisadores nas suas especialidades, trataram os objetos históricos relativos ao desenvolvimento da disciplina lingüística. São principalmente focalizados, os 'fatos' da sua seleção, o foco, as motivações e o tipo de orientação que os autores imprimiram aos seus textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** História e Lingüística; Historiografia e Lingüística; Brasil.

### 0. INTRODUÇÃO

A observação de Mounin (1970:14) de que é inevitável a pressão do ponto de vista da época sobre a história - e ele se refere à história que escrevemos - também se aplica, quero

\* Este texto retoma parcialmente alguns dos argumentos que utilizei no trabalho "Coming out of the wilderness. Recent efforts to establish the Historiography of Linguistics in Brazil", apresentado na Reunião Anual da *North American Society for the History of the Language Sciences* (NAAHoLS), juntamente com a Reunião Anual da *Linguistic Society of America* (LSA), em San Diego, California, em janeiro de 1996. Utilizo aqui o termo 'lingüística brasileira', no seu sentido mais amplo possível, o de 'estudos sobre a linguagem e as línguas efetuados no contexto acadêmico brasileiro', independentemente do fato de estes estudos terem assumido, em momentos diferentes, outras designações, como 'estudos filológicos', 'estudos dialetológicos' etc..

\*\* Universidade de São Paulo.

1 Luís de Camões (1524?-1580). 1993 [1572]. *Os Lusíadas*. [Introdução e notas de Alexei Bueno]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

crer, aos casos em que esta história parece não ter sido escrita, pensada, refletida, ou mesmo buscada. O contexto acadêmico brasileiro, que começou a se delinear na década de trinta, parece ter sido fortemente marcado pela necessidade de acompanhar uma realidade em rápida e intensa transformação social, econômica e política, que impulsionava seus pesquisadores para o futuro, ou melhor, para os modelos de futuro que nos apresentavam os centros produtores de pesquisa e tecnologia 'de ponta'. A visão cumulativa de progresso científico que sustentou - e talvez ainda sustente - esta prática fica evidente pelo pouco interesse que as sucessivas gerações de lingüistas brasileiros dedicaram às tradições lingüísticas do seu passado e pelo desconhecimento quase absoluto da história de outras tradições nacionais até, pelo menos, bastante recentemente. De fato, um dos resultados da necessidade prática de se inteirar rapidamente das conquistas, cada vez sempre 'mais recentes' das ciências da linguagem, foi não sobrar muito espaço para a reflexão sobre a história que o conhecimento lingüístico produzia por si mesmo. A primeira impressão do historiógrafo que se propõe a uma reflexão sobre como a comunidade acadêmica brasileira percebeu e registrou o trabalho com a linguagem que as gerações que a antecederam executaram é a de que não há como resgatar esta memória.

Nas seções que se seguem, procuro examinar de que maneira alguns autores de manuais brasileiros de lingüística executaram a tarefa de 'escrever' a história (ou parte da história) da lingüística do ponto de vista das suas especialidades. Focalizo, principalmente, certas dificuldades relativas ao escopo - objeto e datação - foco, motivações e tipo de orientação que o autor procurou imprimir ao seu texto. Além do manual de Mattoso Câmara, *História da Lingüística*, tal como na versão de 1975, único texto abrangente de história da lingüística elaborado por um pesquisador brasileiro e publicado, ainda que postumamente, em forma de livro, examino alguns outros manuais, elaborados por autores de diferentes especialidades que procuraram registrar, de uma maneira ou de outra, aspectos da história da lingüística do Brasil ou da disciplina Lingüística no Brasil, ou ainda, de outras formas de conhecimento lingüístico, tais como designadas em outros períodos ou tradições. (cf. seção 1, abaixo). Não segui nenhum critério sistemático para a seleção destes textos, esta ainda é uma tarefa por fazer. Procurei, apenas, tomar como amostra um manual de cada especialidade, de reconhecida aceitação e, conseqüentemente, de ampla circulação em certos círculos acadêmicos, para procurar detectar que objetos, ou relações entre objetos, os lingüistas brasileiros do século XX selecionaram do seu horizonte retrospectivo como fato histórico pertinente à especialidade que procuraram historiar e de que perspectiva trataram - e fizeram veicular - os objetos da sua seleção.

## 1. A RETROSPECÇÃO BRASILEIRA DAS TRADIÇÕES DO CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO

A recuperação da literatura crítica brasileira sobre as diferentes formas sob as quais se apresentou o conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas, principalmente daque-

las que se desenvolveram no Brasil – eu me refiro aqui à reflexão sobre os gêneros clássicos da produção lingüística: gramáticas, dicionários; ensaios e, mais recentemente, artigos de pesquisa – só é possível através de um paciente trabalho de garimpagem em anais de congressos, boletins, prefácios de traduções, capítulos de manuais, alguns números monográficos de periódicos e em alguns poucos textos, geralmente feitos sob encomenda para ocasiões específicas, em que se precisou dar notícia do que é que, afinal, se fazia em matéria de lingüística no Brasil. Por essa razão, os autores que produziram crônicas sobre esta produção tiveram muito mais a intenção de informar – intenção, aliás, legítima, do que de repensar criticamente nossa produção como um todo. São mais noticiários, levantados de forma não sistemática e organizados a partir de critérios muito variáveis, do que historiografias. Com exceção única talvez da obra de Mattoso Câmara, ainda a principal referência da produção lingüística brasileira (v. Naro 1972, Naro & Reighard 1972, Naro 1976, Uchôa 1972), não se encontra ainda até hoje, a rigor, nenhuma reflexão sistemática, suficientemente abrangente, sobre autores, obras, periodização, tradições, continuidades, descontinuidades, alternância, co-ocorrência e recorrência de problemas da produção lingüística brasileira.

No que diz respeito a outras tradições nacionais e a outros períodos, até os anos oitenta pelo menos, um único manual de história geral da lingüística, feito por um brasileiro, suficientemente abrangente, pode ser citado: Mattoso Câmara, 1975.<sup>2</sup> Mesmo assim, trata-se de um manual originalmente escrito em inglês (*História Sumária da Lingüística*, manuscrito inédito de 1962),<sup>3</sup> para um público não brasileiro que, somente alguns anos depois seria vertido para o português. Neste trabalho, de largo escopo, não há qualquer referência ao contexto ou aos pesquisadores brasileiros. O livro se origina de um curso de história da lingüística que Mattoso ministrou, em 1962, na Universidade de Washington, em Seattle, como professor visitante no Instituto de Lingüística organizado pela *Linguistic Society of America*. Parte deste curso foi repetida em pelo menos duas outras ocasiões: em 1965, no Rio de Janeiro, por ocasião do *I Seminário Brasileiro de Orientação Lingüística para Professores de Ensino Médio e Universitário* (cf. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS 1.1.44-45) e, em seguida, no México, entre novembro de 1967 e fevereiro de 1968, por ocasião do *II Instituto Interamericano de*

2 Outros manuais de História da Lingüística entraram no país até os anos oitenta, em versão brasileira portuguesa, espanhola ou argentina e tiveram alguma recepção nos cursos de graduação da década de setenta: principalmente, Thomsen 1945 (versão espanhola; até onde pude verificar, nunca traduzido para o português); Machado 1942 (orig. português); Leroy 1971; de Guevara 1967 (orig. espanhol); Vilanova 1950 (orig. espanhol); Coseriu 1980; Malmberg 1971; Mounin 1970, 1973; Robins 1979; Lepschy 1971.

3 Agradeço a generosidade da aluna Angela Maria Ribeiro França que pesquisou exaustivamente a documentação inédita de Mattoso e me cedeu cópia da página de 'apresentação' à sua *História Sumária*, manuscrita, o que lhe custou paciente e demorada pesquisa junto à Biblioteca Mattoso Câmara, da Universidade Católica de Petrópolis, boa parte das suas férias e todos os fundos da Bolsa de Iniciação Científica que recebeu durante um ano. Meus agradecimentos são extensivos à bibliotecária Maria das Neves Leite Krüger desta Universidade que permitiu à aluna amplo acesso a esta documentação.

*Lingüística (IV Simpósio do PILEI)*,<sup>4</sup> para os quais o próprio Mattoso teria preparado uma tradução de 8 dos 32 capítulos originais, que circularam, em forma de apostilas datilografadas, entre os participantes. Das traduções originalmente elaboradas por Mattoso, só se acha publicada aquela que viria a constituir o capítulo V do livro de 1975 - "A Descoberta do Sânscrito pela Erudição Moderna" (cf. *Revista de Cultura Vozes*, 1974, 5-8 e Mattoso Câmara 1975:33-37). Os demais capítulos que traduziu, bem como seus originais em inglês, continuam inéditos. Os 32 capítulos que compõem a primeira edição do livro, de 1975,<sup>5</sup> foram postumamente traduzidos por uma de suas ex-alunas: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo<sup>6</sup>.

Além de Mattoso, o pesquisador brasileiro voltado para o estudo da linguagem e das línguas, diferentemente daquele dedicado ao estudo das literaturas, pouco se dedicou à reflexão – ou ao registro – das tradições de estudo lingüístico, locais ou não, que o antecederam. Quando o fez, como sugeri acima, foi em publicações introdutórias ou marginais à sua especialidade.<sup>7</sup> Neste texto, entretanto, deixo de lado esta vasta e dispersa literatura e me concentro, principalmente, em outro tipo de material, nomeadamente, manuais de lingüística, feitos por lingüistas brasileiros do século XX, de reconhecida competência acadêmico-científica nas especialidades em que construíram suas carreiras e que, ao menos tal como propuseram em seus textos, tiveram a intenção de historiar o que consideraram as principais etapas que levaram à formação e desenvolvimento das suas especialidades. São eles:

1963. Elia, Sílvio [Edmundo n.1913]. *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 157-232, 319 p.

Especialmente "Os estudos filológicos no Brasil" (157-232). Neste texto, Elia revê o que denomina "os estudos lingüísticos em nossa terra", que sub-divide em dois grandes períodos:

- 4 Simpósio Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (*Inter-American Symposium in Linguistics and Language Teaching*) oficialmente fundado em 1963, por Donald Solá, em Cartagena de Índias, Colômbia, com o principal objetivo de "... estabelecer um mecanismo de cooperação estável para o intercâmbio entre filólogos e lingüistas dos Estados Unidos, da América Hispânica e da Europa..." (Castilho, 1984:16). Basicamente o programa visava ao estreitamento dos laços entre os povos americanos através do estudo das suas línguas. (id.ib. 16-17).
- 5 A edição de outra capa é, na verdade, uma reimpressão, também de 1975, e equivocadamente, como é hábito da editora Vozes, chamada de 2a. edição; o mesmo ocorre com a chamada 3a. ed., de 1979. As únicas das quais tenho até agora notícia.
- 6 Agradeço a colega Maria do Amparo Azevedo a presteza com que me forneceu várias das indicações sobre o destino do livro e detalhes sobre sua tradução.
- 7 Quero crer que a situação que caracterizo acima tende a se alterar rapidamente neste fim de década, em que a Historiografia da Lingüística me parece estar se tornando, também entre os pesquisadores brasileiros, legítimo objeto de pesquisa acadêmica, autônomo. Enquanto concluía este artigo, recebi telefonemas de colegas de outras instituições do país que mostraram generosa disposição de fazer chegar às minhas mãos trabalhos monográficos e ou bio-bibliografias extensivas que estão elaborando, principalmente sobre lingüistas (filólogos e/ou dialetólogos) brasileiros do século XX.

a) o período vernaculista, de 1820 – data aproximada da independência política do país – a 1880 – data aproximada da publicação da *Gramática Portuguesa* de Júlio Ribeiro – (cf. p.157);  
b) o período científico, de 1880 a 1960, em que identifica três gerações: 1900-1920: Said Ali e Otoniel Mota; 1920-1940: Augusto Magne, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira, José Oiticica, Clóvis Monteiro; 1940-1960 (geração universitária): Silva Neto, Celso Cunha, Galdstone Chaves de Melo, Rocha Lima e Silvio Elia.<sup>8</sup>

1970. Borba, Francisco da Silva [n. 1932]. *Introdução aos Estudos Lingüísticos*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: Nacional, 12-35. (1ª ed, 1967). 318 p.

Especialmente o capítulo “História da Lingüística” (12-35) em que o a. faz uma sumária retrospectiva dos estudos lingüísticos, desde a Antigüidade Clássica até o século XX, a partir do que considera as fases: da ‘gramática’ (12-10); da ‘filologia’ (21-22); do ‘comparativismo’ (22-30); e da ‘lingüística moderna’ (30-34).

1972. Miazzi, Maria Luísa Fernandez [1928-?]. *Introdução à Lingüística Românica. Histórico e Métodos*. São Paulo: Cultrix. 124 p.

Especialmente os capítulos “Filologia e Lingüística Românica” (15-17) e “O surgimento da Romanística” (19-33) em que a a. traça um breve histórico dos estudos românicos desde o século XIV até o século XIX.

1975 [1962]. Mattoso Câmara Jr., Joaquim [1904-1970]. *História da Lingüística*. 1ª ed. [Trad. de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo dos originais datilografados em inglês, *História Sumária da Lingüística*, 1962]. Petrópolis, Vozes. (2ª ed. 1975; 3ª ed. 1979). 195.p.

Mattoso revê as tradições clássicas do pensamento lingüístico, desde a Antigüidade (15-21), até a tradição estrutural sincrônica, que lhe era contemporânea (161-195), passando pela Idade Média, Renascimento, séculos XVI, XVII e XVIII (22-27), XIX (28-97) e grande parte do século XX (98-195).

1986. Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. *Sintaxe gerativa do Português. Da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília. 558 p.

Especialmente pp. 77-97, em que a a. faz breve retrospectiva dos estudos em ‘teoria gramatical’, desde os gregos (77-81); romanos (81-82); Idade Média (82-83); Renascença até o século XVIII (83-84); Gramática Comparada (84-85); Estruturalismos (85-92) e Gerativismos (92-97).

---

8 A bem das intenções do autor, reproduzo seu comentário à p. 230: “Não pretende esta resenha, mormente no que tange ao período contemporâneo, ser completa nem abundante. Tivemos de limitar-nos aos filólogos que exercem suas atividades no Rio de Janeiro e, se incluímos um Albino de Bem Veiga, que ocupa uma cátedra em Porto Alegre, fizemo-lo por se tratar de um ex-discípulo de Sousa da Silveira, a cujas aulas assistiu na Faculdade Nacional de Filosofia, onde se formou”.

1991. Faraco, Carlos Alberto [n. 1950]. *Lingüística Histórica. Uma introdução ao estudo da história das linguas*. São Paulo, Ática. 136 p.

Sobretudo cap. 5 (81-126) em que o a. retoma o curso dos estudos históricos da linguagem, principalmente a partir do século XIX. Organiza sua retrospectiva a partir do que considera duas orientações principais no campo: as concepções que denomina 'imantistas' (lingüística indo-européia, escola neogramática, estruturalista e gerativista) e as que denomina 'integrativas' (dialetologia e sociolingüística). Inclui vocabulário crítico (129-130) e bibliografia (131-136).

1991. Brandão, Silvia Figueiredo [n. 1951]. *A Geografia Lingüística no Brasil*. São Paulo, Ática. 88 p.

Revê a história dos estudos dialetológicos no Brasil, especialmente no capítulo "A dialetologia no Brasil" (42-52). Inclui vocabulário crítico (78-83) e bibliografia comentada (84-88)

1992. Ilari, Rodolfo. *Lingüística Românica* (com um ensaio de Ataliba Teixeira de Castilho sobre "O Português do Brasil"). São Paulo, Ática. 288 p.

Especialmente a primeira parte (17-38) em que o autor faz breve retrospectiva da "História e Métodos da Lingüística Românica", do século XIX ao XX.

## 2. O ESCOPO: OBJETO E DATAÇÃO

Poucos lingüistas brasileiros, até onde tenho notícia, se dedicaram à tarefa de elaborar manuais de história da lingüística, embora este tópico, aparentemente, tenha feito parte de alguns currículos das Faculdades de Letras (cf. Castilho 1965, 155-161) e, certamente, tenha sido abordado, de uma maneira ou de outra, por alguns professores dos cursos introdutórios de Lingüística Geral nas inúmeras Faculdades de Letras que se criaram no país. De qualquer maneira, sob o escopo do termo 'lingüística', a atividade de reflexão – e, quero crer, de ensino e estudo da disciplina – raramente tenha se voltado para um passado mais remoto do que o século XIX.

Na *História da Lingüística* de 1975, por exemplo, embora Mattoso tenha revisto as tradições clássicas do pensamento lingüístico, da Antigüidade até o estruturalismo que lhe era contemporâneo, a desproporção de informação entre os períodos por ele estabelecidos – através de critérios externos, por sinal – é evidente. Na visão de Mattoso, "*A lingüística é uma ciência muito nova [que] começou a existir na Europa em princípios do século XIX sob o aspecto de um estudo histórico...*" (Mattoso Câmara, 1975:13) não apenas distinta da Filologia, que define como o estudo dos textos antigos que visa à compreensão dos traços lingüísticos obsoletos a fim de captar a mensagem artística que encerram (*id.*:11), mas também distinta da

investigação dos aspectos biológicos relacionados à faculdade de linguagem, abordagem que denomina biológica, e da tradição filosófica grega, que denomina de estudo lógico da linguagem. A Filologia, ao lado da tradição normativa, e do estudo motivado pelas situações de contato lingüístico constituem para Mattoso o campo dos estudos *pré-lingüísticos*, "... isto é, algo que ainda não é lingüística." (id.:13). O estudo lógico (filosófico) e o estudo biológico, por sua vez, por não fazerem parte do que considera o domínio da linguagem propriamente dito, constituem um domínio a ele limítrofe, na sua denominação, *paralingüístico*. Na retrospectiva do pensamento lingüístico a que se propõe Mattoso, antes do século XIX, só é possível encontrar, na tradição ocidental, estudos do tipo que denomina *pré-lingüísticos* e *paralingüísticos*, e, na tradição oriental, mesmo dentre os que considera os "... países mais adiantados de então, ou seja, a China e a Índia antigas." (id.ib.) não houve qualquer tipo de lingüística (*sic*).

O critério da 'autonomia' dos estudos lingüísticos, reivindicada, enquanto tal, na tradição ocidental a partir do século XIX, é determinante para Mattoso selecionar seus 'objetos' de observação e definir um período que lhe serve, a um tempo, de quadro de trabalho e de organização da escrita histórica. De uma maneira ou de outra, a maior parte dos outros manuais parece reiterar este recorte. Borba (1970:12), por exemplo, embora pondere que a preocupação do homem com a sua linguagem vem desde a antiguidade e que, portanto, desde as "... mais remotas civilizações encontramos, então, **mesmo elementar, uma ciência da linguagem.**" (o grifo é meu), não hesita em afirmar adiante que é na fase do comparativismo "*que entramos propriamente no período científico da lingüística.*" (cf. id.ib.:22). De qualquer maneira, embora não veja como Mattoso, um gradiente unidimensional dos estudos lingüísticos em direção à cientificidade, ao longo dos séculos, só alcançada com o surgimento de 'uma lingüística autônoma' no século XIX, para Borba, a especificidade da 'lingüística' também é garantida pela conquista da 'autonomia', e as conotações de superioridade que lhe atribui, em comparação com outros estudos que se fizeram (e que continuaram sendo feitos) sobre a linguagem, evidente. Observe-se:

*"A história da ciência da linguagem nos mostra que, até atingir o estado adulto e pleno de hoje, passou por fases em que os estudos lingüísticos se confundiam com estudos gramaticais ou filológicos. Facilmente se tomava um pelo outro. Mas há diferença entre estudos lingüísticos, filológicos e meramente gramaticais."* (cf. Borba 1970:33)

A primeira dificuldade daquele que se lança à tarefa de escrever uma história 'da lingüística', sem dúvida alguma, é estabelecer o que deve ser incluído no escopo do termo 'lingüística', ou de uma das especialidades da lingüística – e suas variantes – sem o que, qualquer tentativa de historização não encontra seu(s) objeto(s) material(is) de observação e sem o que, qualquer tentativa de periodização é inexequível. Assim é que Miazzi (1972) e Ilari (1992) dedicam as páginas introdutórias dos seus manuais a distinguir 'filologia români-

ca' de 'lingüística românica'; Lobato (1986) discute, também nas páginas introdutórias, 'o que é lingüística'; Brandão (1991), 'geografia lingüística', 'dialetologia' (*lato e stricto sensu*) e 'sociolingüística' e Faraco (1991), 'lingüística histórica e 'história da lingüística'.

Bugarski (1976) lembra que, do ponto de vista externo, a base de delimitação da Lingüística é, em princípio, razoavelmente simples, ao menos para o período contemporâneo. De fato, parece ser consensualmente admitido pelos que hoje se dedicam à teoria e à análise da linguagem e das línguas, que a disciplina encontra sua especificidade diante de tantas outras disciplinas que direta ou indiretamente se debruçam sobre o objeto-linguagem, na medida que faz deste objeto 'em si mesmo' seu interesse único e exclusivo. Embora a questão da autonomia da Lingüística pareça estar, nos dias de hoje, aparentemente resolvida (de fato, as colocações de Lobato (1986), Ilari (1992) e Faraco (1991) são qualitativamente diferentes das dos manuais anteriores), determinar, com precisão, do que se trata exatamente este objeto 'em si mesmo' é tarefa, admitida, quero crer, por qualquer historiógrafo da lingüística (e também por qualquer lingüista), extremamente difícil. E não apenas no que diz respeito às diferentes tradições e sistemas de idéias que se desenvolveram no eixo da história, mas também no que diz respeito às diferentes visões gerais sobre o objeto-linguagem, co-ocorrentes em um mesmo momento histórico. Do ponto de vista interno, as dificuldades não são, pois, menores. Qualquer tentativa de definir o escopo do campo das "ciências da linguagem" e sua datação – para assim delimitar um quadro inicial para um dado trabalho historiográfico – parece esbarrar na dificuldade formidável de se delimitar com clareza, dentre os diferentes *grupos de especialidade* que se formaram ao longo do tempo, qual é o recorte que define, para cada um, seu objeto.

Com efeito, a seleção efetuada, tanto por Mattoso, quanto por Borba, quero crer, se procedeu a partir de um ponto de vista que não era o mesmo compartilhado pelas diferentes gerações de 'lingüistas' ainda em atividade ao final dos anos sessenta e início dos anos setenta. Observe-se, a esse respeito, a colocação de Elia, cujo manual é praticamente contemporâneo aos manuscritos de Mattoso e pouca coisa anterior à primeira edição de Borba: "*Despontam por fim, [no período científico] de maneira segura e auspiciosa, as primeiras manifestações da direção filológica a qual, daí por diante, irá caracterizar os estudos lingüísticos no Brasil*" (Elia, 1963:163, o grifo é meu).

### 3. GRANDES HOMENS, GRANDES IDÉIAS

Swiggers (1990) discute o fato da historiografia da lingüística produzida nos últimos trinta anos ter desenvolvido separadamente duas formas de trabalho historiográfico, as que denomina historiografias *content-oriented* e as que denomina historiografias *context-oriented*, que não parecem a ele (e também não parecem a mim), de forma alguma, incompatíveis. Embora requeiram procedimentos metodológicos diferentes – enquanto as histo-



riografias do primeiro tipo focalizam as chamadas dimensões internas (propriamente lingüísticas) das teorias lingüísticas, as do segundo tipo procuram situar as teorias lingüísticas no seu contexto cultural mais amplo – conteúdo e contexto estão inevitavelmente ligados, embora nossa maneira de percebê-los possa, às vezes, sugerir o contrário (cf. Swiggers 1990:21-22). Pessoalmente, não consigo separar a reflexão dita epistemológica e/ou metodológica sobre o conhecimento lingüístico do momento histórico e do contexto intelectual e social em que ele foi formulado e se desenvolveu, o que me faz entender como tarefa básica da historiografia da lingüística, por conseqüência, a descrição (não normativa) dos princípios e métodos de produção do conhecimento lingüístico, e de seus resultados, quaisquer que sejam eles, em determinado momento, inevitavelmente histórico. Certas armadilhas de que o historiógrafo freqüentemente é vítima por não levar em consideração certos co-textos e contextos em que a idéia-objeto da sua reflexão foi produzida estão exaustivamente discutidas em Koerner (cf. 1995a e 1995b) e não pretendo retomá-las aqui. O que desejo assinalar é que, de fato, as idéias lingüísticas parecem nunca ter se desenvolvido independentemente das outras tendências intelectuais da sua época. Ignorá-las é aumentar o risco de tomar como norma única e desejável de teoria e prática de análise lingüística nossa própria concepção contemporânea de ciência(s) da linguagem(s). Neste sentido, a tentativa de reconstrução do clima intelectual (externo) à idéia lingüística sob descrição e de reconstrução (interna, imanente) do sistema de que esta idéia faz parte me parecem ser dois procedimentos metodologicamente complementares e necessários.

Neste sentido, é possível observar uma diferença qualitativa importante entre os manuais mais recentes, dentre os que examinei, mais sensíveis às interferências do contexto intelectual sobre as idéias e práticas lingüísticas, do que os anteriores, publicados antes dos anos oitenta. Ilari (1992:17), por exemplo, começa seu livro por lembrar que “*O nome ‘Filologia Românica’, com que a disciplina [Lingüística Românica] surgiu, é significativo do contexto intelectual em que se deu seu aparecimento.*” e Lobato (1986), ao discutir o momento em que “*a lingüística adquiriu caráter científico*” (cf. p. 25), não se esquece de observar em seguida que:

*“A exigência de comprovação empírica, (...) é mais recente: teve seus primórdios com Bacon (1561-1626), precursor do empirismo inglês, e seu apogeu com o positivismo pós-comitiano (sec. XIX). Portanto, não seria justo julgar o estudo gramatical tradicional com base em parâmetros científicos característicos de séculos posteriores.”* (Lobato 1986:26, o grifo é meu)

De qualquer maneira, embora diferenças quanto ao tipo de orientação possam ser observadas, de maneira geral, o foco privilegiado pelos textos da história (ou de parte da história) do conhecimento lingüístico que constituem minha amostra privilegiaram, enquanto

tônica, a dimensão da *produção* do conhecimento lingüístico, e não da sua recepção, por exemplo; ressaltaram a figura individual do *autor* das grandes obras, ou idéias, e não do contexto intelectual, ou cultural mais geral, em que se inseriram essas idéias e as retomaram, principalmente do ponto de vista do seu *produto* final, ou seja, das teorias, gramáticas, dicionários ou glossários consagrados. Pouco sabemos dos processos de formação ou dos mecanismos de produção destas idéias (para detalhes sobre estas perspectivas do trabalho historiográfico v.de Clerq & Swiggers 1991). Tanto nos textos que procuraram mapear a produção lingüística de forma mais abrangente (Mattoso 1975, Borba 1970; Lobato 1986), quanto nos textos que procuraram fazer a retrospectiva de uma tradição, sub-disciplina ou especialidade da lingüística (Elia 1963; Miazzi 1972; Brandão 1991; Faraco 1991; Ilari 1992), estão focalizados, em primeiro plano, a figura (histórica) individual – o(s) precursor(es), o(s) mentor(es) ou (s) iniciador(es) – e o que as gerações contemporâneas, ou as que lhes sucederam, elegeram como suas obras exemplares. Elia (1963:175) é, neste sentido, bastante ilustrativo. Observe-se:

*“Said Ali é um dos nossos filólogos definitivamente consagrado. Na sua Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa (Edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1946), assim se exprime o catedrático de Coimbra, prof. Manuel de Paiva Boléo: ‘Se excetuarmos Júlio Moreira, Epifânio Dias, Mário Barreto e Said Ali – e mesmo os três primeiros com bastantes restrições, visto se terem limitado, geralmente, a registrar fatos sem procurar explicá-los – poucos mais sintaxistas verdadeiramente representativos haverá a mencionar.’”*

Nossa visão da história do pensamento lingüístico parece ser a de uma sucessão de grandes momentos privilegiados de inspiração, em que dúvidas, hesitações, erros, e trabalho diário (e muitas vezes coletivo) de construção e re-construção do conhecimento não pareceram existir.<sup>9</sup>

#### 4. A MOTIVAÇÃO

No *Editorial* que inaugura a série periódica *Historiographia Linguistica*, Koerner (1974:1-10; e também Koerner 1989a, 1989b) propõe uma tipologia para os trabalhos de história da lingüística publicados desde o século XIX. No texto de 1974, o autor examina esta literatura principalmente a partir das eventuais motivações e características individuais do

---

9 Devo admitir certa dificuldade em manter, em meu próprio texto, uma atitude descritiva (não valorativa) sobre os objetos da minha reflexão. Peço a meus eventuais leitores que corrijam, eventualmente, meus vieses, e interpretem minhas considerações como uma tentativa de explicitar a visão que parece ter orientado a história que (pouco) escrevemos e não a história que eu gostaria de ter visto escrita.

pesquisador que se propõe a tarefa de escrever a história (ou parte da história) da sua disciplina.<sup>10</sup> A idade, a posição acadêmica e o tempo de carreira parecem ser variáveis correlacionáveis à maneira como este pesquisador interpreta – e dispõe em texto – a sucessão dos acontecimentos que o antecederam na cronologia da sua disciplina.<sup>11</sup> Associando este conjunto de parâmetros relativos à pessoa do historiador à forma com que apresentaram a cronologia dos estudos lingüísticos em seus trabalhos, Koerner identificou três tipos gerais de texto historiográfico em ciências da linguagem. O primeiro tipo, que denomina ‘história-resumo’ (*summing-up history*) é a história geralmente escrita por um pesquisador proeminente na área em que atua, já pelo final da sua carreira acadêmica, convencido de que os principais objetivos da sua disciplina já foram conquistados e de que o trabalho que resta para as novas gerações consiste principalmente no que Kuhn (1987 [1962]) denominou ‘operações-limpeza’ (*mopping-up operations*). (cf. Koerner 1974:1). Do ponto de vista deste historiador, o quadro teórico da disciplina já está suficientemente amadurecido para que o pesquisador comum execute suas investigações, sem que sejam necessárias revisões importantes na metodologia geral de trabalho, já suficientemente estabelecida (cf. *id.id.*).

Um segundo tipo de texto historiográfico apontado por Koerner nos artigos citados pode ser caracterizado como aquele em que a principal motivação do historiador – em geral, mais jovem do que no tipo anterior, e em estágios iniciais da atividade acadêmica – representa um grupo específico da disciplina disposto a relaná-la sob ‘novas’ bases, geralmente em franca oposição com a geração imediatamente precedente (v. Koerner 1989a:81). O conhecimento produzido sobre a linguagem, anterior ao momento que lhe é contemporâneo é, na sua proposição, um estágio a ser ultrapassado e sua argumentação, freqüentemente polêmica, se baseia em reiteradas reivindicações de ‘novidade’ e ‘originalidade’.

O terceiro tipo de trabalho historiográfico, caracterizado por Koerner como o ideal desejável a ser buscado pela historiografia da lingüística contemporânea (cf. Koerner 1995b), não visa nem a defesa de um paradigma particular, nem a reivindicação de uma revolução científica no interior da disciplina. Trata-se da tentativa desinteressada de estabelecer, *sine-ira-et-studio*, o conjunto de fatos historicamente pertinentes na cronologia da disciplina,<sup>12</sup> a partir de um conjunto de princípios pré-estabelecidos.

10 Vários outros fatores lembrados pelo autor interferem, indubitavelmente, na execução do trabalho historiográfico – condições sócio-econômicas, acontecimentos históricos mais gerais, situações políticas. Destaco, nesta seção, entretanto, apenas aqueles relativos às variáveis individuais do historiógrafo.

11 São parâmetros desta natureza, aliás, que fundamentam o modelo de ‘retórica revolucionária/retórica continuísta’ de Murray 1993 [1983], que considero extremamente interessante para a interpretação de certos aspectos sociais da produção acadêmico-científica, tal como tentativamente procurei aplicar em Altman 1993.

12 Para uma reflexão extensiva sobre as tarefas de determinação e seleção dos fatos historicamente pertinentes a serem executadas pelo historiador, v. Schaff 1991:203-238. A pertinência e o valor do acontecimento é fun-